



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10795 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

ÉTICA E EDUCAÇÃO NO CENÁRIO DA MODERNIDADE EDUCACIONAL E POLÍTICA: UMA CRÍTICA DA RAZÃO INSTRUMENTAL HOMOGENEIZANTE
Sidinei Pithan da Silva - UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

ÉTICA E EDUCAÇÃO NO CENÁRIO DA MODERNIDADE EDUCACIONAL E POLÍTICA: UMA CRÍTICA DA RAZÃO INSTRUMENTAL HOMOGENEIZANTE

INTRODUÇÃO

“As pessoas moralmente maduras são aqueles seres humanos que [...] aprenderam a amar a alteridade” (BAUMAN, 1999a, p.54).

O filme a “Lista de Schindler” representa, sobretudo, um poderoso esforço de “reconstrução da memória” acerca dos fatos ocorridos na segunda guerra mundial decorrente da política nazista em relação ao povo judeu. Em linhas gerais, macro analíticas, o filme expressa a “barbárie” do holocausto, encarnada na política de desenraizamento, destruição e extermínio de milhares de judeus em toda a Europa (limpeza étnica), promovida sob os auspícios da “razão civilizatória” nazista. Numa perspectiva micro analítica, o filme expressa em nível estético, cognitivo, político e afetivo as diferentes formas de opressão, extermínio e subjugação desenvolvidas pelo exército nazista durante o domínio na Polônia, bem como algumas formas de “resistência” que foram construídas por Schindler – um empresário alemão que se

sensibilizou com a causa judaica – juntamente com outros judeus - contribuindo para salvar a vida de alguns deles.

O filme configura-se num recorte importante para pensar o fenômeno da barbárie, da civilização e da diferença no século 20. De forma especial consiste numa maneira diferente de pensar as questões entre ética e educação. Mas como se configura este projeto de “barbárie” e “fanatismo” expresso no filme? Em que medida o filme representa e expõe uma realidade “assombrosa”, “monstruosa” e “miserável” acerca da condição humana? Estaríamos condenados a viver sob o crivo da “barbárie” (mesmo que mascarada sob a forma de civilização) ou ainda restam fagulhas de “civilização” (na medida em que conseguirmos controlar nossos ímpetos destrutivos e dominadores) no projeto filosófico e educacional “moderno”? Nossa preocupação parte do entendimento de Adorno (2003, p.33), de que, “quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento” (ADORNO, 2003, p.33).

Nesse contexto, este estudo tem por objetivo discutir as relações entre ética e educação, explicitando num primeiro momento a barbárie encarnada no projeto dos totalitarismos do séc 20. Através dela se identificam características de crise da filosofia e do projeto educacional moderno, que se fundamentaram na busca da construção do sujeito, da autonomia e da razão, esquecendo-se da questão da alteridade, do outro e da ética. Num segundo momento, explicitam-se as questões em torno do fanatismo e da política cultural nazista, a qual desenvolveu no âmbito educacional / cultural uma pedagogia da diminuição, postulando a superioridade da raça ariana, sob o crivo da racionalidade instrumental, da massificação e da uniformidade ideológica. O enfoque teórico-metodológico se orienta: a) a partir de um enfoque bibliográfico, de cunho qualitativo, enfocando algumas obras, tais como as de, Theodor Adorno (2003), Adorno & Horkheimer (2006), Zygmunt Bauman (1998; 1999, 2011, 2017, 2019), Miroslav Milovic (2004), Jorge Larrosa (2004), Amoz Oz (2002), e Ricardo Timm de Souza (1999); b) a partir de uma análise das narrativas e imagens constitutivas do Filme - A Lista de Schindler.

Nossa hipótese é de que, em parte, nossa crítica contemporânea que reconhece a diferença, possa ser lida, também, a partir da obra - *Dialética do Esclarecimento* (ADORNO & HORKHEIMER, 2006), e da crítica do mundo administrado que culminou no Holocausto. Esta atualidade da crítica da personalidade autoritária, dos regimes autoritários, e do capitalismo, nos permite compreender um mundo em regressão que se desenvolve no interior de um mundo que se declara rumo ao progresso. Zygmunt Bauman, em um de seus últimos textos, intitulado, *Retrotopia* (2017), aborda o tema, e nele se presentificam as grandes questões de nossa época, as quais em parte recapitulam a ambição de muitos produtores da ordem que pretendem em meio a um cenário globalizado,

fragilizar a política, empobrecer a ética, e afirmar posturas nacionalistas, fundamentalistas e excludentes. A crítica de Zygmunt Bauman (2017, 2019), nos evidencia que a crise de nosso tempo, é assumida por alguns através de uma postura que aposta em regimes concentradores de poder (autoritários e populistas), portanto, negadores da Liberdade. Uma ideia semeada de que no passado, assumido, nostalgicamente, haveria um paraíso, um mundo harmônico, em que somente a ordem deve predominar em sacrifício da liberdade.

Seria oportuno, neste caso, retomarmos a crítica da razão instrumental, e mesmo dos limites da modernidade educacional, no ponto em que ela, com sua ânsia de pureza e de controle pleno e homogeneizante do real, buscou eliminar os estranhos, os diferentes, os inaptos, os impuros. Isso seria atual, principalmente para reafirmarmos (e reconfigurarmos) alguns valores fundamentais da democracia liberal, os quais se tornaram muito fortes após a segunda guerra mundial, como também para pensarmos no lugar das diferenças, e da solidariedade, no interior do debate acerca dos rumos da democracia no século 21. A escolha por analisar o Filme - A Lista de Schindler, nos permite “estranhar” e analisar esta pretensão de fabricação do mundo e de controle posta em ação pela política cultural hitlerista. Não conseguimos avançar na crítica social contemporânea, sem compreender o momento de crítica da razão instrumental moderna. Se a educação se relaciona com uma força para problematizar as políticas identitárias, ela também se vincula com uma força de produzir uma cultura da política. Neste sentido, os pressupostos da ética, se vinculam aos pressupostos da política, e se relacionam com a educação. Aspecto que nos ajuda a repensar tanto nossas Políticas Públicas, bem como nossas Políticas de Currículo e de Formação de Professores.

Barbárie e Dominação no Projeto da Modernidade Ocidental: a destruição da diferença / do outro

A “encarnação” da “barbárie” e do “fanatismo” nazista materializa-se durante o filme, (em nível psicológico), na terrível e assombrosa sede / desejo / prazer de destruição e extermínio que os comandantes (e soldados) do exército nazista (SS) manifestam em cada uma de suas ações militares contra os judeus. De outra forma, (em nível sociológico), manifesta-se na política de “limpeza” étnica (BAUMAN, 1998), promovida à custa de uma negação brutal e violenta dos povos “diferentes”, em particular do povo judeu. Em nível filosófico, a barbárie está expressa nas antinomias do progresso da técnica e no domínio do homem sobre a natureza e o outro – diferente (MILOVIC, 2004). Manifesta, neste sentido, a separação entre Ética e Política. Na realidade da guerra e do projeto nazista de mundo, o projeto civilizatório ocidental mostra uma de suas faces mais terríveis e perversas ao evidenciar os

limites da razão “técnico-científica” na construção das novas formas de sociabilidade, uma vez que aspirava construir um “mundo sem sujeira” (BAUMAN, 1998, p.21).

A modernidade social e cultural, enquanto projeto filosófico, construído e projetado desde o séc. 17 entrava radicalmente em crise com a realidade das duas grandes guerras no século 20. O massacre e a destruição da cultura judaica e das outras culturas européias e asiáticas tornaram-se a própria encarnação do “mal” sob forma de uma razão instrumental (fechada, autoritária, calculista, fria e matemática). O Outro (o diferente) foi reduzido ao Mesmo (o igual). A Diferença foi subsumida à identidade do Mesmo. O projeto da razão tornou-se um projeto autoritário e destrutivo. O domínio da natureza converteu-se em domínio sobre o próprio homem (ADORNO & HORKHEIMER (2006). A realidade das guerras parece expressar esta culminância da razão ocidental. A vontade de potência / posse do outro parece coincidir com a crise da noção de razão e de sujeito. Larrosa (2004), navegando na crítica pós-estruturalista, esboçada à modernidade em geral, explicita a genealogia do sujeito moderno. O enfoque do autor, bastante direcionado também à educação, parece evidenciar algo que possamos também extrair de Adorno & Horkheimer (2006), quando questionam a tradicional relação do pensamento moderno entre sujeito e objeto. Larrosa (2004, p.159), no entanto, assim como Nietzsche (2000), e Foucault (2005), irá interpretar o problema do sujeito moderno, como àquele que “pretende conformar o mundo”, e assim nos parece, ao modo de torná-lo uma coisa maleável, ou mesmo, ávida por transformação/fabricação a partir de seu poder e seu saber.

A reificação do mundo, ou melhor, a coisificação do *outro*, como forma de alcançar e desenvolver o projeto do *eu*, torna-se a forma predominante de perceber a barbárie em curso na modernidade social do séc. XX. Segue que toda a “política cultural” constitutiva do exército nazista foi construída sob a percepção da inferioridade do povo judeu. Esta era a norma implícita em cada ato relacional e narrativo no filme: a) “*os judeus são os piores vermes e animais que já existiram, se assemelhando às pragas e aos ratos*”; b) “*O domínio dos judeus em Krakow durou seis séculos e isto vai virar nada a partir desta noite*”. Assim, todas as formas e forças ideológicas manifestas serviam para garantir não somente o poder e o domínio territorial do adversário, como também para destruí-lo em sua totalidade; isto é, derrotá-lo em sua própria intimidade, mostrando o quanto ele era desprezível e insignificante. A manifestação da “barbárie” e do “fanatismo” parece configurar-se, infelizmente, não apenas como um fato histórico, mas também um fenômeno humano, que está, na versão de Oz (2002, p.15), “ônipresente na natureza humana”, sendo um gene do mal, que precisamos controlar.

O foco de Oz (2002), embora não estando relacionado à uma crítica da filosofia identitária e homogeneizante, nos permite traduzir a força de uma postura ou ação humana amparada na razão instrumental. Ela opera como se estivesse

diante da “coisa mesma”, assenhorada da verdade e do domínio sobre algo, o qual considera “claramente” como o caminho ou o destino ou o comportamento correto. Segundo ele, “a essência do fanatismo reside no desejo de forçar as outras pessoas a mudarem (OZ, 2002, p.15). Se Larrosa (2004), chamava a atenção para certa genealogia do sujeito moderno, nos indicando algo que Adorno & Horkheimer (2006), como também Zygmunt Bauman (1998), destacavam quanto ao problema da modernidade, em seu trato com o conhecimento como forma de poder, clareza e de domínio, Oz (2002), denuncia, esta impaciência e incapacidade do sujeito de conviver com a alteridade. E, mais do que isso, desta vontade de tornar o Outro igual ao Eu. Mas, como o nazismo exacerbou esta vontade de potência? Que relevância isso tem para a educação?

O Fanatismo na Política Cultural Nazista – a pedagogia da diminuição, da uniformidade e da massificação

Na “política cultural nazista”, “o gene do fanatismo” estava estimulado, sendo constantemente alimentado pela retórica “religiosa” e “massificante” do culto ao führer e da supremacia da raça ariana sobre as outras culturas. Uma verdadeira força de produção ideológica da “uniformidade e da conformidade” levava os soldados alemães a cometer os atos mais violentos e terríveis que o século 20 conheceu. Um fenômeno que assombra devido à grande “insignificância” que o outro – o diferente - passa a ter frente ao eu. Uma verdadeira “religião” parece estar “oculta” nos soldados e comandantes alemães. Eles parecem encarnar a luta do “bem contra o mal”, do “certo contra o errado”, do “progresso contra o regresso”, dos “saudáveis contra os doentes”, dos “humanos contra os subumanos”, dos “santos contra os pecadores”. Enfim, de um projeto do Eu em relação ao Outro. O Outro recebe sempre uma concepção que deve se enquadrar ao Eu. Uma verdadeira pedagogia da diminuição (LARROSA, 2004), que se sustenta na redução do Outro a o Mesmo. A crítica de Lévinas (apud SOUZA, 1999, p.23), ao projeto de uma filosofia primeira, é em parte, uma crítica à filosofia da potência. A diminuição do Outro e a incapacidade de diálogo e responsabilidade para com ele já está posta na evidente tentativa de tratá-lo como ente, ou como objeto: “Tal é a definição da liberdade: manter-se contra o outro, malgrado toda a relação com o outro, assegurar a autarquia de um eu” (LÉVINAS apud SOUZA, 1999, p.23).

Há no projeto hitleriano de mundo e, manifesto no comandante Amom Goeth, um ódio histórico dos alemães contra os judeus e, um projeto de vingança a ser realizado contra o Outro, no qual a simples “matança” não dá conta. É preciso fazer isto por partes: a) mandá-los para o gueto; b) separá-los de suas memórias (roupas, fotos, pertences, malas) e moradias; c) separá-los em homens e mulheres; d) afastar

as famílias de seus filhos; e) apropriar-se de suas propriedades; e) privar todos das condições mínimas de sobrevivência; f) negar suas faculdades intelectuais e profissionais; g) retirar suas faces (vesti-los da mesma forma e torná-los iguais); h) prenderem em campos de concentração sob péssimas condições de moradia e alimentação; i) realizar as piores torturas e experiências corporais possíveis; j) matar sob as formas mais diversas. Nas palavras de Oz (2002, p.27), tamanho fanatismo só pode advir e se sustentar a partir de uma política massificante de conformidade e uniformidade. No caso alemão, esta política foi forte, mas ela também pode ser leve e estar nos produzindo de diferentes formas. Aspecto que nos mostra que a “barbárie” e o “fanatismo” estão sempre ameaçando as condições para a vida “civilizada”.

O enfoque de Oz (2002), destaca pontos importantes para analisarmos os fenômenos contemporâneos e os dramas da política, da ética e da educação. Sobretudo, do modo como desenhamos o quadro teórico para esta reflexão, cumpre-nos reconhecer que uma razão instrumental se tornou imperante ao longo da modernidade. Isso não pode ser tributado unicamente aos filósofos modernos, como bem salientou Bauman (2008), quando entende que a razão legislativa de Kant, a que permite edificar o solo fundamental da filosofia do sujeito, estava mais preocupada com princípios do que com formatações e ímpeto de domínio, mas a vontade de poder dos governantes, os quais pretendiam produzir e fabricar uma realidade ordenada, parece ter falado mais forte. No caso desta razão forte (instrumental), o fenômeno do nazismo em geral, manifestou este desejo de “conformidade” e “uniformidade”, mas, mais do que isso, manifestou a face fria, perversa e cruel, embutida no próprio cientificismo moderno, o qual amparou e sustentou uma máquina de morte. Uma razão instrumental a serviço do Estado torna-se um perigo quando ela alimenta o ódio e o desprezo pelos diferentes e estranhos, nos lembra Bauman (2011), mas também, como nos ensina Oz (2002), o fanatismo pode estar presente em outras formas de vida cotidiana e de participação política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para finalizar, após esboçarmos alguns elementos do filme - A Lista de Schindler, gostaríamos de pensar junto com Adorno (2003), Milovic (2004), Lévinas (apud SOUZA, 1999), Oz (2002), Larrosa (2004), e Bauman (1998, 2008, 2011), a dimensão da crise do pensamento ocidental (da modernidade) que não conseguiu dimensionar um lugar adequado para o Outro. Aspecto que ajudaria a entender o fenômeno do nazismo e do brutal extermínio do “diferente” (seis milhões de judeus). Nesta perspectiva, a filosofia da modernidade, de Descartes a Kant, configurou-se

como uma filosofia do “sujeito” e não da “diferença”. O modo, no entanto, de como apontamos esta crítica, não se refere a tornar unicamente o problema da diferença como o único pressuposto que precisaríamos reconhecer. Destaca-se, na anterioridade, uma crítica a certa forma de conhecimento/esclarecimento que operou ao longo da modernidade que pretendeu suprimir a “ambivalência” do real (BAUMAN, 2011), ou mesmo, que se tornou uma forma de “razão instrumental”, como nos ensinaram Horkheimer e Adorno (2006). O pensamento moderno na versão destes últimos “pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento” (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p.33). Este próprio limite e configuração do modo de pensar, nos oportunizaria entender uma nova forma de epistemologia, integrada à ética, a qual nos ajudaria a entender os conflitos contemporâneos, tais como os da invasão da Ucrânia pela Rússia, bem como os novos autoritarismos de Estado. Eles, de certa forma, também parecem recapitular os anseios de uma sociedade administrada em que os Outros precisariam se uniformizar conforme o Eu.

A crítica da razão, aqui endereçada, não se refere a toda forma de racionalidade, mas tão somente àquela que se tornou hegemônica no âmbito do poder moderno, e que se converteu em forma de razão instrumental. Da mesma forma, a crítica do sujeito e de sua autonomia, tão pouco representam um abandono ou menosprezo pela esfera da autonomia, da liberdade e da emancipação, mas um cuidado para que a questão da alteridade e da ética emergjam, o que significa, a partir de então, articular também o problema da diferença ou da alteridade. Doravante, o significado de incorporar esta, não se coloca em contradição com o pressuposto de construção da autonomia, e mesmo da democracia, mas representa, que a crítica da homogeneização, ou mesmo, crítica da busca de pureza e de harmonia, deve fazer parte de toda prática educacional ou política com finalidade emancipatória e democrática.

Gostaríamos de tornar presente que os elementos da filosofia da diferença, que Zygmunt Bauman (1998) acaba por alimentar, não lhe retira do projeto de reatualização de um curso para a Teoria Crítica de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Expressão evidente em suas obras, *Modernidade e Ambivalência* (1999b), *Modernidade Líquida* (2001), e *Vida Líquida* (2009), o que significa, que a preocupação com o destino das maiorias que vivem sob a opressão e a exploração, continua sendo uma questão ética de primeira grandeza, assim como a denúncia da homogeneização e aniquilamento dos estranhos. A mensagem final desse texto pode ser traduzida sob a forma de que os liames entre ética e educação, ou entre política e ética, a partir de uma crítica da razão instrumental, se traduzem em problemas acerca dos destinos da Liberdade, da Diferença, e da Solidariedade na construção de uma comunidade política viável, ou mesmo de uma crítica social e educacional em tempos de globalização.

PALAVRAS – CHAVES: Ética. Educação. Diferença. Teoria Crítica.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Globalização:** as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada:** vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos:** sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. **Retrotopia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BAUMAN, Z. Sintomas à procura de um objeto e um nome. In: GEISELBERGER, H. **A grande regressão:** um debate internacional sobre os novos populismos – e como enfrentá-los. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro, Nau Editora, 2005.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MILOVIC, M. **Comunidade da diferença.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como filosofar com o martelo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

OZ, A. **Contra o fanatismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOUZA, R. T. **Sujeito, ética e história:** Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.